

Luísa Antunes Paolinelli | **Recensão. *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país - Igualdades que Abril abriu* de Ana Cristina Pereira (2022, Bertrand Editora)**



Ana Cristina Pereira (2022),
*Mulheres da minha ilha,
mulheres do meu país -
Igualdades que Abril abriu*,
Lisboa: Bertrand Editora , 264 pp.
ISBN: 978-972-25-4281-4

**Recensão de
Luísa Antunes Paolinelli**

Repórter do *Público*, desde 1999, Ana Cristina Pereira afirmou-se no panorama do jornalismo pela sua sensibilidade e profissionalismo na investigação, com especial atenção para os assuntos que envolvem os direitos humanos, as crises humanitárias e a exclusão social. Autora de diversos livros, como, entre outros, *Meninas de Ninguém* (2009), *Movimento Perpétuo* (2016), *Desafios – Direitos das Mulheres na Guiné-Bissau* (2012) e *Mulheres de São Tomé e Príncipe* (2018), estes dois últimos em co-autoria, decidiu em *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país* concentrar-se na Madeira, num movimento que é também ponto(s) de vista, olhar poliédrico para compreender as mulheres do nosso país, num período histórico-político-social do pós-25 de abril. Esse “Abril”, em maiúscula, que no subtítulo se une ao campo semântico da “abertura” e se relaciona com um pormenor de *meditação: a mulher de madeira*, de Daniel V. Melim, em que não há cravos,

Luísa Antunes Paolinelli | **Recensão. *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país - Igualdades que Abril abriu* de Ana Cristina Pereira (2022, Bertrand Editora)**

mas uma orquídea. E a mulher, de manto amarelo e azul vestida, face à flor aberta, brota, procura sentido, espelha-se, entende-se.

Ana Cristina Pereira à reportagem alia a experiência do teatro documental, com peças como *Onde o frio se demora* (2016) e *Agora é diferente* (2019). O facto é significativo para entender como a presente obra coloca em cena 25 histórias de mulheres (número que coincide com a data em que em abril a democracia traria consigo uma transformação não só política, mas social, de papéis, de discursos e da representação da mulher) num diálogo vivo entre a repórter e a entrevistada, no qual o leitor também é envolvido.

São as mulheres a quem a liberdade – com novas possibilidades de educação, com a modificação do sistema económico, da comunicação e com acesso ao confronto com mulheres de outros países e mundos – permitiu a reflexão, mesmo que o protagonismo da voz por vezes tarde em muitas áreas, que sobem ao palco. Uma cena viva em que as luzes vão fazendo cintilar sentidos através da elucidação que a palavra permite. Donas de casa, professoras universitárias, artistas, bordadeiras, migrantes, trabalhadoras da vinha, artesãs, enfermeiras. Mulheres que nasceram antes do 25 de abril, filhas dessas mulheres, netas, sobrinhas. Todas elas mulheres da transição, que se relacionam de formas diferentes com as igualdades num mundo em que estas ainda estão longe de serem dadas como adquiridas.

Lê-se o livro com avidez de histórias, entrando na próxima com a sensação de que em todas elas há também a nossa história individual, mínima, e a História da Ilha e do país, a História da Europa e do mundo ocidental. Afinal, se a conjuntura da Madeira, as suas paisagens naturais, culturais e sociais e os sabores quentes da cozinha moldam e ficam estampados nos rostos das mulheres protagonistas dos vários capítulos, a verdade é que Ana Cristina Pereira, ao inserir contribuições de estudiosos de várias áreas, vai desenhando um quadro da história feminina portuguesa e mundial. Traz a história à História e devolve-a ao que ela, no fundo, é: não a História “espiolhada”, para usar a expressão do romancista brasileiro José de Alencar na caracterização da História dos calhamaços e dos narizes enfiados no papel, mas a História viva, aquela que é constituída pelas histórias das pessoas comuns. Como um grande desenho que só se consegue ver se ligarmos os pontos.

Uma espécie de resposta como a que deu Giuseppe Pontiggia a Plutarco, e ao seu *Vidas dos Homens Ilustres, com Vidas dos Homens Não Ilustres* (1993). A diferença é que em Ana Cristina Pereira as histórias não são imaginadas. Pontiggia organiza o livro com oito contos da geração dos pais e nove que têm a ver com a dos filhos, numa vontade explícita

Luísa Antunes Paolinelli | **Recensão. *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país - Igualdades que Abril abriu* de Ana Cristina Pereira (2022, Bertrand Editora)**

de compreender a transição e o que liga os homens na equação espaço-tempo. É também nesta equação que Ana Cristina Pereira se situa.

O romancista italiano defendia que a linguagem é o lugar das experiências, uma espécie de mesa de laboratório. Os homens servem-se dela para eludir, agredir, esconder-se, mas também para iluminar com clareza se ela tiver a ética da franqueza, da honestidade. Ao referir-se à usada para os grupos minoritários, como os portadores de deficiência, tema do seu livro *Nascidos Duas Vezes*, alerta para a necessidade de uma extrema vigilância, uma grande delicadeza, uma atenção particular. É exatamente o que norteia Ana Cristina Pereira no seu livro: contar as mulheres a partir do que estas contam requer um desvendar/revelar que ouça a linguagem, porque é através dela que defendemos as nossas experiências, que procuramos atenuar os aspetos terríveis ou exaltar os aspetos positivos do nosso passado/presente.

Mulheres de vidas ilustres na sua normalidade e excecionalidade, as protagonistas de Ana Cristina Pereira são, no contar, na linguagem que usam, e na franqueza da linguagem da autora que lhes dá voz, gigantes na sua singularidade. E entram num livro em que se sente a oscilação entre o uso do modo imperativo num passado tão próximo de uma sociedade e época centradas no homem (colocando a questão também no presente) e o uso do condicional que abre possibilidades. E se...

As palavras das diferentes mulheres são, recorrendo a Bachtin (1989: 97), determinadas pelo que provavelmente nunca disseram, mas já eram, sempre foram, nascidas agora do compasso de espera e reflexão a partir da pergunta, ou pelo que se repetiu muitas vezes, mas sem o peso do testemunho a uma repórter. Diálogo vivo entre Ana Cristina Pereira e as mulheres que contam as suas histórias, esta é uma obra polifónica em que as vozes entram mesmo *in absentia* – as das mulheres e homens com quem intimamente se relacionaram ou que lhes marcaram o percurso –, e são cruzadas com os ecos das contribuições de historiadores, sociólogos, escritores, numa escrita coral. A que convoca diferentes tons e matizes.

Deve ter ouvido muitos silêncios, Ana Cristina Pereira. Dificuldades e curto-circuitos linguísticos. A linguagem da mulher colocada em cena, ação, comunicação, dinâmica, *energeia* (BACHTIN, 2000), que se relaciona com o poder através da palavra que cria, que diz. O monólogo-diálogo-polidiálogo (monólogo que se contou muitas vezes a si própria; diálogo com a repórter e autora; polidiálogo com as outras mulheres do livro, com os

Luísa Antunes Paolinelli | **Recensão. *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país - Igualdades que Abril abriu* de Ana Cristina Pereira (2022, Bertrand Editora)**

estudiosos) faz desta obra uma polifonia fertilizante. Isto porque é interação, encontro e confronto, e, simultaneamente, processo e instrumento de (auto)conhecimento.

Nas páginas do livro, as mulheres da Ilha e do País não falam sozinhas. Nem as leitoras e leitores falam sozinhos. Porque também há esse diálogo instaurado com os últimos, que rememoram, reconstituem as suas próprias experiências. Afinal, a consciência tem uma natureza dialógica: só quando me revelo face à outra, por meio da outra e com a ajuda da outra tomo consciência de mim própria. Nenhuma situação humana, citando novamente Bachtin (2000:164), encontra solução ou se resolve nos limites de uma única consciência. Esta é plural na sua essência, mesmo quando atravessada por diferenças de género: se aqui o encontro se produz entre mulheres, os homens também estão lá no confronto, nas possibilidades e impossibilidades, nos amores-desamores, harmonia ou dissonâncias.

Livro-descoberta da consciência, em que os sentimentos estão lá a consubstanciar também a sua constante mudança (e veja-se como António Damásio, nos seus últimos estudos, pretende ligar intimamente o sentir e a construção do ser), a obra de Ana Cristina Pereira faz da mulher sujeito ativo de uma história/História em que começa por ser perspectivada como dominada, em segundo plano. As suas histórias são a sua reação, a sua defesa, numa espécie de efeito *boomerang* em que a mulher, tantas vezes indefesa, se arma com as palavras e cujas palavras a armam. A repórter não perde a objetividade, não faz um livro panfletário, não acusa. Escuta. Cruza. Tenta compreender. Apresenta, porque indaga, ordena ideias. Parte da forma feminina de falar para “dentro” e abre o território do “eu” interior ao exterior. Como o caminho da levada, dessa água em movimento, na fotografia que abre o livro, verdadeira epígrafe que nos coloca na curva, sem ver bem o que virá a seguir, entre o escuro da terra e os montes iluminados, mas com a certeza que, no lado de lá, o nosso percurso continuará. E se...

Referências Bibliográficas

- BACHTIN, M. (1989), *Teoria y estética de la novela*, Madrid: Taurus.
BACHTIN, M. (2000), *Yo tambien soy. Fragmentos sobre el otro*, Madrid: Taurus.

Luísa Antunes Paolinelli | **Recensão. *Mulheres da minha ilha, mulheres do meu país - Igualdades que Abril abriu* de Ana Cristina Pereira (2022, Bertrand Editora)**

Luísa Antunes Paolinelli

Docente da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade da Madeira, com doutoramento em Literatura Comparada e agregação em Estudos Culturais. Publica na área de Literatura e Cultura e também se dedica à tradução. Acompanha o projeto "AprenderMadeira" como coordenadora da área de Literatura. Participa em vários Comitês Científicos de revistas portuguesas e estrangeiras, como *Letras ComVida* (INCM) e é membro do conselho científico de instituições de investigação, como a Academia Lusófona Luís de Camões, o Centro de Estudos Europeus Sirio Giannini, Fundação de Estudos Avançados Dino Terra, entre outros.